

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
INÉDITOS PIERRE COULIBEIF  
8 DE JULHO DE 2022

## ENIGMA / 2022

Um filme de Pierre Coulibeuf

Realização: Pierre Coulibeuf / Direcção de Fotografia: Julien Hirsch / Montagem: Thierry Rouden / Som: Lucas Héberlé / Interpretação: Vânia Rovisco, Andresa Soares, Véronique Nosbaum

Produção: Regarde Productions, Vosges TV / Produtor: Chantal Delanoë / Cópia: DCP, cor / Duração: 27 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

## DÉDALE / 2009

Um filme de Pierre Coulibeuf

Ideia e Realização: Pierre Coulibeuf / Director de Fotografia: Lula Carvalho / Montagem: Pierre Coulibeuf, Thierry Rouden / Som: André Sittoni / Interpretação: Vânia Rovisco e Mathews Walter

Produção: Regards Productions / Cópia: 35 mm, cores, versão original com legendas em francês e legendas eletrónicas em Português / Duração: 27 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

---

Com a presença de Pierre Coulibeuf e Vânia Rovisco

---

Pierre Coulibeuf desenvolve, desde os finais dos anos 80, um cinema muito particular que se relaciona diretamente com o mundo das personalidades e das práticas multidisciplinares da arte contemporânea, enquadrando na sua carreira um *habitus* próprio: todos os seus filmes são criados em torno das práticas de outros artistas. As suas colaborações com os vários artistas de renome mundial, entre os quais podemos nomear Pierre Klossowski, Marina Abramovic, Michelangelo Pistoletto e Meg Stuart, sugerem uma abordagem que descontextualiza as suas práticas ao mesmo tempo que lhes fornece um meio de expressão a desenvolver no interior do processo fílmico, formando um território que possibilita um confronto entre diversos modos de entender a imagem entre a corporalidade performática das práticas artísticas, o espaço e o próprio *frame* cinematográfico. Como tal, o realizador joga com a ideia de imagem e com a própria natureza do cinema, assumindo-se como herdeiro da filosofia contemporânea e das teorias da estética que questionam os paradoxos da imagem em movimento na sua relação com o mundo. Coulibeuf privilegia os meios do cinema (a película, a montagem) como motor de transversalidade artística, para, na fusão entre as práticas, chegar a uma ideia sua de realidade e a um regime cinematográfico que é, neste caso, um regime misto, unindo a ideia cinematográfica da "ficção experimental" (expressão com que o realizador denomina o seu próprio trabalho) com colaboração, o encontro em que, nos seus filmes, se manifestam explicitamente nas fronteiras e nas dinâmicas intersticiais dos modos de expressão pertencentes aos diferentes universos expressivos que conjuga.

ENIGMA e DÉDALE são ambos produto da colaboração de Coulibeuf com a *performer* e artista visual portuguesa Vânia Rovisco, e unem-se numa abordagem das relações entre a performance, e a arquitetura. São filmes labirínticos, que se aproveitam dos espaços e locais filmados para os reconstituir de acordo com as intensidades dos corpos e dos gestos em reverberação com a magia dos seus elementos temáticos e conceptuais. Consegue-o através de processos cinematográficos comuns: o enquadramento fixo dos seus planos proporciona uma montagem fragmentada dos locais percorridos pela performance, libertando-a e ao mesmo tempo delimitando-a. Por um lado, é a coreografia que transmite a sensação de espaço, desenhando um mapeamento através dos gestos e dos olhares, mas esta é, por outro lado, submetida à montagem e a uma fragmentação do espaço. Na redução do local a uma série de planos, a montagem faz o seu próprio mapeamento fílmico, ou seja, cria os labirintos que aprisionam as *performers* a partir de um espaço especificamente cinematográfico. A duração é também uma importante questão destes filmes e do cinema de Coulibeuf, na medida em que se rebete na temporalidade dos gestos favorecendo uma visualidade ultrapassa os elementos narrativos e que se abre a uma sensibilidade própria.

ENIGMA foi idealizado ao longo de uma residência que Pierre Coulibeuf realizou no *Centre Culturel de Rencontre Abbaye de Neumünster*, na cidade de Luxemburgo, submetendo a área à volta da abadia, desde a sua torre aos caminhos subterrâneos dos rochedos de Bock e aos parques da cidade, a uma relação de atrofiada entre interior / exterior. A ideia para este filme foi motivada pela figura mítica da sereia, oniricamente personificada na pose e na voz de Véronique Nosbaum, e pelo canto que se faz ao ouvir ao longo do filme, funcionando como um estimulante que ora acelera ora desacelera o ritmo da performance. Entre o espaço fragmentado e a música, a performance, corporalizada por Vânia Rovisco e Andresa Soares transmite um aprisionamento e a busca claustrofóbica por uma saída, manifestada através de uma confrontação física que acentua a dimensão espacial do filme. E é talvez o plano fílmico o maior significante da clausura neste filme. Fora da abadia, as duas são apanhadas num plano contrapicado que sugere uma inevitabilidade da clausura frente ao mito da liberdade total. Na fixidez dos planos, o verdadeiro enigma aparenta estar no fora-de-campo.

Realizado em 2009, DÉDALE foi realizado em Porto Alegre, na Fundação Iberê Camargo. A partir deste edifício, projetado por Álvaro Siza Vieira, Coulibeuf faz verdadeiro filme-labirinto, recuperando e pensando cinematograficamente o labirinto mitológico de Dédalo e a história de Ariadne e Teseu, evocados aqui pelos *performers* Vânia Rovisco e Matheus Walter. Guiada pela busca da personagem feminina, a montagem do espaço destrói qualquer possibilidade de orientação, transformando a fundação num espaço imaginário, dado à repetição do caminho e, na sua relação com as regras da performance, à transgressão das regras do espaço, relação que se denota explicitamente no motivo da janela, pela qual a Vânia Rovisco passa, e a qual por vezes atravessa aparecendo do outro lado como que num movimento suspenso. Na sua relação com esta fundação, DÉDALE desdobra-se numa outra realidade e num diferente regime imagético, a da galeria e a da arte propriamente dita. Nestas imagens a ideia de labirinto transforma-se e revira para um universo paralelo em que Rovisco e Walter Matheus participam numa interação direta com as pinturas do artista Brasileiro, suscitando um jogo de devires em que as obras apresentadas se rebatem nas identidades dos protagonistas.

Manuel João Montenegro